

NÓTULA SOBRE O PADRE MANUEL ÁLVARES, S. J. (1526-1582) – A PROPÓSITO DE UMA RECENTE EDIÇÃO DA SUA OBRA LITERÁRIA COMPLETA

Antônio Guimarães Pinto (UFAM)

RESUMO

O autor deste artigo procurou complementar um livro seu de recente aparição, transcrevendo e traduzindo uma pequena composição poética latina na qual o célebre gramático quinhentista português Padre Manuel Álvares, S. J., faz a apresentação laudatória daquele que foi um dos mais editados manuais escolares de Retórica entre os séculos XVI e XVIII. Além da necessária contextualização histórico-literária, incluiu também a transcrição e versão portuguesa de dois outros textos latinos: os 12 dísticos elegíacos, de Manuel de Venegas, que faziam *pendant* ao encômio de Álvares; e, deste, a introdução a uma seleção sua, com o texto original devidamente expurgado, dos cinco primeiros livros dos *Epigramas*, de Marcial, pela primeira vez publicada em 1569 e destinada a servir como livro de texto nos colégios da Companhia de Jesus, espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Palavras-chave: Manuel Álvares; Miguel Venegas; Cipriano Soares; Humanismo; Poesia em latim do século XVI; Jesuítas.

ABSTRACT

This article emerges as a consequent of a recent book published by its Author. In fact, here we can read the transcription and Portuguese version of a poetical *testimonium* by Father Manuel Álvares, S. J., offered to his colleague Father Cipriano Soares, printed at the beginning of the first edition of the late's best-seller handbook of elementary Rhetoric *Ars rhetorica libri tres*, Coimbra, 1562. In addition, and besides some notes intended to provide historical and cultural background, two more Latin texts and vernacular translations are also offered: twelve elegiac doublets, by Father Miguel Venegas, which were published at the same place and stand as a *pendant* of Álvares poem; and the introduction written by Álvares to his selection and expurgatory edition of Martial epigrams, book first published in 1569 and intended to provide a text-book to Latin classes at Jesuit schools all over the world.

Keywords: Manuel Álvares; Miguel Venegas; Cipriano Soares; Humanism; XVIth Century Latin Poetry; Jesuits.

1

A necessidade de escrever esta nótula, poucas semanas volvidas sobre a publicação do meu livro *Padre Manuel Álvares S. J. Obra literária completa* (2014),¹ é indício exuberante do carácter ainda incipiente e por vezes provisório do tipo de estudos a que me consagro. De fato, quem pretender abalançar-se ao estudo do riquíssimo e vasto acervo da literatura produzida em latim por autores portugueses dos séculos XVI e XVII tem à sua frente uma montanha de material, tanto impresso como manuscrito, ainda hoje em grande parte insuficientemente descrito ou totalmente ignorado. Por consequência, se nenhuma edição das obras de autores de qualquer época se pode, em boa verdade, apresentar como “definitiva”, tal

ambição tem muito menor fundamento no caso dos humanistas portugueses do século XVI, sujeitos, na maior parte dos casos, a limitações e constrangimentos que em grande medida coarctavam uma fácil e livre expansão das suas produções literárias através dos canais que nós hoje consideramos normais, ou seja, a recolha e publicação dos textos por iniciativa e sob a supervisão do próprio autor.

Ora, uma vez que a imensa maioria dos nossos latinistas de então se encontrava vinculada à Igreja, ou na qualidade de sacerdotes seculares,ⁱⁱ ou como membros de congregações religiosas, facilmente se compreende que muita da produção literária destes intelectuais, sobretudo dos que integram a segunda destas duas categorias, tenha permanecido inédita ou saído a lume de forma esparsa. É que, no caso dos membros das corporações religiosas, além do grande dispêndio de capital que então significava a edição de qualquer livro, o rígido e vigilante regime hierárquico a que estes homens estavam subordinados era quem, em nome dos superiores interesses da Igreja e em acatamento ao voto de obediência que haviam jurado, lhes determinava, direta ou indiretamente, os temas que deveriam desenvolver; e só promoveria a edição de acordo com as necessidades apologéticas, as tendências ou linhas teológicas ou filosóficas predominantes em cada uma das ordens (por exemplo, o tomismo dentro da Ordem de S. Domingos e a espiritualidade de raiz agostiniana nas congregações que seguiam a regra monástica do bispo de Hipona) e os projetos pedagógicos, de carácter mais ou menos abrangente, em que alguma delas se encontrasse empenhada (como é evidentemente o caso da Companhia de Jesus).

Desta situação decorre o fato de que, àquelas produções nas quais o estro poético ou a reflexão pessoal do autor não encaixavam no pragmatismo da linha editorial (chamemos-lhe assim) da sua congregação, tenha cabido o destino de ficarem inéditas ou de alcançarem a luz da publicidade acolhendo-se à hospitalidade de obras alheias, que passavam a integrar sob a forma dos *testimonia*. Como se sabe, no século XVI, era praxe quase obrigatória que as primeiras páginas de um novo livro que saía a lume fossem ocupadas pelas homenagens e encômios, frequentemente sob forma poética e em linguagem hiperbólica, com que os amigos e conhecidos do autor exaltavam as qualidades deste e os méritos, reais ou imaginários, do seu recente parto intelectual. Entregues assim ao destino incerto da obra que lhes dava acolhida, muitos dos espécimes literários de autores de primeira água acabaram por passar despercebidos ou sumir-se no esquecimento, como consequência da fraca qualidade ou perda de atualidade (pense-se sobretudo em livros técnicos ou pedagógicos, sujeitos às oscilações da moda e aos constantes progressos da ciência) das obras que os consignavam.

As antecedentes considerações deverão ter-se sempre em linha de conta quando a edição da obra de autores, nas condições dos que acabamos de caracterizar, aparecer qualificada pelos seus organizadores e tradutores como “completa”, designação que o mero bom senso do mediano leitor interpreta com o forçoso relativismo que lhe vai adstrito, e que de forma alguma pretende engalanar o responsável pela edição com os atributos da onisciência bibliográfica ou da ubiquidade arquivística, se assim é lícito expressar-me. Aliás, uma das alegrias que em grande parte motiva o suado, e quantas vezes desprezado, labor do pesquisador desta sorte de antigualhas, é a da descoberta, sempre almejada, de algum manuscrito ou texto ignorado de algum dos autores objeto da sua paixão e desvelo erudito. Esse gozo devo, e mais prestes do que cuidava, à solicitude e imensa informação bibliográfica do meu amigo, o Dr. Arlindo Correia, de Lisboa, que poucos dias depois da publicação do livro, citado no começo desta nótula – e em que reuni a transcrição e tradução de todos os textos de intenção literária escritos pelo Padre Manuel Álvares, S. J., a que tive acesso nas minhas investigações, sobretudo voltadas para o espólio manuscrito conservado nos códices jesuíticos das bibliotecas de Lisboa, Coimbra e Évora –, me comunicava amavelmente a existência e me enviava a reprodução de um pequeno pequeno poema laudatório em latim, em três dísticos elegíacos, impresso, juntamente com outro (também em dísticos elegíacos, mas com o dobro da extensão) da autoria do também jesuíta Miguel Venegas, na testada de uma obra pedagógica da autoria de um confrade de ambos e compatriota do segundo, publicada em Coimbra, no ano de 1562.

O livro em causa intitula-se *De arte rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano praecipue deprompti, auctore Cypriano Soares, sacerdote Societatis Iesu. Cum facultate inquisitoris et ordinarii, quam sequens pagina indicat. Conimbricae, apud Ioannem Barrerium, 1562*, ou seja, em português: “Três livros sobre a arte retórica, extraídos sobretudo de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, da autoria de Cipriano Soares, sacerdote da Companhia de Jesus. Com autorização do inquisidor e do ordinário, que a página seguinte registra.ⁱⁱⁱ Em Coimbra, nas oficinas de João da Barreira, 1562”. Trata-se de um livrinho de 276 páginas, com copioso índice de matérias, e constitui a primeira edição daquele que seria “o manual de base para o ensino da Retórica em todas as escolas da Companhia de Jesus, em Portugal, em toda a Europa, no Brasil e no Oriente” (MIRANDA, 2001, p. 119), e de cuja importância e vitalidade são índice as pelo menos 135 edições que em todo o mundo dele se fizeram até o ano de 1792. Se nos lembrarmos, por um lado, de que a *Ratio studiorum*, ou “Código Pedagógico dos Jesuítas”,^{iv} cuja primeira edição impressa é de 1599, embora já vigorasse nas

escolas inacianas desde alguns anos antes, o prescreve como único compêndio pelo qual se deveria efetuar o aprendizado da retórica, e, por outro, que a Companhia de Jesus teve quase exclusivamente nas suas mãos as escolas de ensino médio onde estudaram as elites que detiveram o poder político e religioso sobre a Europa católica, desde finais do século XVI até os meados do século XVIII, poderemos conjecturar a importância que esta obra teve na formação literária de inúmeras gerações de homens, de entre os quais não poucos se tornaram algumas das mais importantes figuras das letras e ciências dos respectivos países.

O autor desta compilação de textos dos grandes mestres clássicos da Retórica era o jesuíta espanhol Cipriano Soares (ou, grafado à castelhana, Suárez), que viveu entre 1524 e 1593, e cuja existência transcorreu em Portugal entre 1549 (ano em que ingressou na Companhia de Jesus, em Lisboa) e 1580, e onde desenvolveu profícua atividade como professor nas escolas da sua Ordem, tendo inaugurado as cátedras de Retórica nos colégios jesuítas de Lisboa (em 1553) e de Coimbra (1555). Nesta última cidade, foi prefeito de estudos do célebre Colégio das Artes, que o rei D. João III entregou à direção da Companhia de Jesus exatamente nesse ano de 1555, após um breve período em que contou no seu corpo docente com figuras de grande renome na literatura neolatina quinhentista, como o escocês George Buchanan ou o bracarense Diogo de Teive.

Por uma curiosa coincidência, nesta obra reúnem-se três nomes cujo influxo nos fastos da pedagogia e da cultura é muito mais vasto do que poderão fazer supor a quase total obscuridade a que hoje a sua memória se encontra relegada. É que, tanto Manuel Álvares como Miguel Venegas, terão também um papel não inferior ao de Cipriano Soares na formação acadêmica e literária de inúmeras gerações, não apenas de jesuítas europeus (como será mais o caso de Venegas), mas de homens de todas as raças e espalhados pelos quatro cantos do mundo, por onde os jesuítas fizeram sentir a sua ação missionária e educadora.

De fato, ao madeirense Manuel Álvares^v (1526-1583) cabe provavelmente a honra de ser o autor português^{vi} de uma obra com maior número de edições, porquanto dos seus *Emmanuelis Aluari e Societate Iesu de Institutione Grammatica libri tres* (“Três livros sobre o ensino da gramática da autoria de Manuel Álvares, da Companhia de Jesus”), que pela primeira vez saíram a lume no ano de 1572, conhecem-se mais de 500 edições, inclusive uma no Japão, em 1594. Por esta gramática ainda estudou latim, ou pelo menos o que sabia de métrica latina, o mais revolucionário romancista do século XX, o irlandês James Joyce.^{vii}

Quanto ao espanhol Miguel Venegas, nascido em Ávila em 1531, e falecido em data posterior a 1589, a sua importante e fecunda atuação literária verificou-se quase exclusivamente durante os anos em que pertenceu à Companhia de Jesus, ou seja, de 1554 a

1567, e sobretudo no período em que trabalhou em Portugal, de 1556 a 1562: primeiro como professor no Colégio de Santo Antão, em Lisboa (1556-1558), e depois no Colégio das Artes, em Coimbra, entre 1559 e 1562, o ano da edição do compêndio de retórica do seu compatriota Cipriano Soares, que encomiasticamente saúda no poema que mais abaixo transcrevemos e traduzimos, formando parêntese com o do nosso lusitano Manuel Álvares. Diga-se também que, apesar da abundante obra literária que escreveu, durante a sua vida apenas foram impressos o poema a que nos referimos e um outro, de características laudatórias idênticas e extensão um pouco maior (doze dísticos, em vez de seis). No entanto, é enganoso o silêncio que durante muito tempo rodeou o seu nome, porquanto a sua influência literária foi muito grande entre os seus ex-confrades, não sendo descabido atribuí-lo à circunstância de Venegas ter sido expulso da Companhia por razões, ao que parece, pouco abonatórias da sua idoneidade moral. A verdade é que foi ele quem criou e implementou, em Portugal (com a representação, em Coimbra, a 9 de julho de 1559, da peça *Saul Gelboaeus*) e em Roma (para onde partiu em 1562), o teatro jesuítico, oferecendo com as suas obras teatrais, amiúde representadas pelos alunos dos colégios inicianos espalhados por toda a Europa, “um arquétipo de tragédia bíblica amplamente imitado por toda uma geração de jesuítas.” (MIRANDA, 2002, p. 141).^{viii}

3

Após esta necessária contextualização das duas breves composições poéticas que aqui transcrevemos e traduzimos, resta-nos dizer que, aproveitando o albergue simpático que a revista *ContraCorrente* me ofereceu, decidi aqui publicar a versão, também acompanhada da transcrição do original latino, de um pequeno texto em prosa do Padre Manuel Álvares, que não incluí na *Obra Literária Completa*, porque, em boa verdade, não promanou de uma intencionalidade estética, mas preenche tão-só um fito pragmático. No entanto, a elegância ciceroniana e a perfeita urdidura do discurso de tal modo enlevam que não pude furtar-me à tentação de o oferecer à degustação e apreciação crítica dos meus amigos e colegas manauaras.

Trata-se do prefácio a uma seleção dos catorze livros de epigramas de Marcial, à qual Álvares, conforme ele mesmo explica, procedera por incumbências dos seus superiores, e que deveria servir como livro de texto nas aulas de aprendizado do latim e da retórica. Dadas as características de procacidade da linguagem do satírico ibérico, muito previsivelmente o piedoso sacerdote teve de edulcorar ou simplesmente expungir muitas partes do texto. Esta edição expurgada, cuja 1ª edição saiu dos prelos de João da Barreira, em Coimbra, no ano de 1569, consta de 106 páginas, na última das quais uma seca nota informa: *Omnes XIII libri*

parati erant ad imprimendum: sed uisum est hos quinque solum nunc excudere. (“Todos os catorze livros encontravam-se prontos para ser impressos, mas achou-se preferível por agora publicar apenas estes cinco.”) A verdade é que, numa outra edição do mesmo espicilégio, desta vez acrescido com uma *Epístola* de Ovídio e várias cartas de Cícero, publicado em Lisboa, em 1585, pelo impressor Manuel de Lira, o texto de Marcial continuava reduzido aos poemas selecionados dos cinco primeiros livros, sem qualquer explicação, e o prefácio do organizador suprimiu-se.

Finalizo informando que, na transcrição dos textos latinos, além de a pontuação e abertura de parágrafos serem da minha responsabilidade, uniformizei a ortografia em consonância com as mais modernas lições ou sugestões da lexicologia.

Textos latinos

Cipriano Suárez, *De arte rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano* [...] *auctore Cypriano Soarez, sacerdote Societatis Iesu, Conimbricae, apud Ioannem Barrerium, 1562.*

[f. 4 r*]

A)

Emmanuel Alvarez, Societatis Iesu ad lectorem

*Eloquio quicumque paras accendere mentes
Dulceque Nestorea fundere uoce melos,
Perlege non auro nitidum, sed pondere rerum
Praediues, pauper sit licet auctor, opus.
5 Emicat hic Sophiae princeps, hic fulminat ore
Tullius, hic monstrat Quintilianus iter.*

B)

Michael Vanegas, eiusdem Societatis, ad eundem

*Quos Arabes Persaeque legunt Oriente lapillus
Omnes una manus si tibi forte daret,
Et quos gemmiferi praeceps alit aequoris unda,
Et quos terra graui parturit alma sinu:
5 Nonne libens hilari caperes data munera uultu
Et tantas nolles spernere sanus opes?
En tibi Rhetorices unus liber explicat omnes
Thesaurus: ingens quos reperire labor.
Ne te paeniteat lectas hinc sumere gemmas,
10 Attica quas tellus quasque Latina tulit.
Has uirtute uelut fuluo si cinxeris auro,*

Aurea gemmato uox tibi corde fluet.

C)

M. Val. Martialis epigrammaton selectorum libri XIII. Conimbricæ, Apud Ioannem Barrerium. Anno 1569. Cum facultate inquisitorum

13

[10*]

M. Val. Martialis epigrammaton selectorum libri XIII
Emanuel Aluarus lectori Christiano s.

Si “in re seuera”, ut quidam sapienter inquit, “turpe est ualdeque uitiosum conuiuio dignum aut delicatum aliquem inferre sermonem”, quantum scelus existimanda sunt committere qui puero Christiano, Christi Optimo Maximo diuinis mysteriis imbuto, quem non solum litteris, sed etiam optimis moribus informandum susceperunt, ea explicant ediscendaque proponunt, quae uel prisci illi Romani a christiana religione alienissimi uehementer sunt exsecrati? Quis non intellegit quanta uitiorum monstra concipiat adulescentia, [11*] nisi bene pieque ab ipsis instituat incunabilis?

Cui pesti cum uellet sacrosancta Tridentina Synodus mederi, seminaria rei publicae christianae conseruandae atque propagandae singulare remedium excogitauit, ubi a teneris annis ad pietatem et religionem informentur adulescentes, id quod fieri non potest, nisi in auctoribus explicandis summus habeatur delectus. Parentes quidem et medici animorum sunt praeceptores, quos, nisi omnium uirtutum ornamentis excolant quam diligentissime et exornent, falso sibi profecto magistri nomen uindicant. Quanto enim animus corpore est praestantior, tanto maior in ratione uictus, hoc est, in deligendis exponendisue ueterum scriptis adhibenda est ratio, cum grauiores multo sint animi quam corporis morbis. Quod, si sapientes medici ne totum corpus, quod nobis cum belluis est commune, intereat, [12*] partem abscindunt, aegre feret si libri pars aliqua abscindatur, ne animus, Dei Optimi Maximi imagine insignitus, intereat sempiternisque afficiatur suppliciis?

Quae cum ita sint, christiane lector, mihi a praepositis Societatis Iesu cura data est Valerium Martialem ita perlegendi ut ei, uerborum turpitudine rerumque obscenitate deposita, ad nostra deinceps gymnasia aditus pateret. Quod feci ut potui, iis tantum praetermissis quae tum dignitati, tum saluti essent alienissima. Extremae profecto dementiae est Latinae linguae ornatum et elegantiam cum animi labe ac uitae impuritate uelle comparare.

Vale

TRADUÇÃO

[f. 4 r*]

Traduções

A)

Manuel Álvares, da Companhia de Jesus, ao leitor:

Quem quer que sejas que te aprestas para alumiar os entendimentos com a eloquência
E para fazeres ouvir o doce canto com nestórea voz:
Lê até o final esta obra, que não resplandece de oiro, mas é opulenta de sólida
[sustância]

Embora pobre seja seu autor.
Aqui seus raios lança o príncipe da Ciência, aqui com sua boca troveja Túlio,
Aqui Quintiliano mostra o caminho.

B)

Miguel Venegas, da mesma Companhia, ao mesmo leitor:

Se por acaso uma só mão te oferecesse todas as pedrarias
Que no oriente ajuntam os Persas e os Arábios,
E as que criam as ondas arrebatadas do mar, em gemas abundoso,
E as que a criadora terra concebe em seu pesado seio:
Acaso de alegre catadura não tomarias de bom talante a oferta da dádiva
E, com bom aviso, desprezar não quererias tão grande tesoiro?
Eis aqui que um único livro te expõe da Retórica todos os tesoiros,
Que um imenso trabalho pôs a descoberto.
Não te arrependas de tomar daqui joias de primor,
Que a terra ática e a latina produziram.
Se as cingires com a virtude, como com loiro oiro,
Uma áurea voz jorrará de teu coração de gemas esmaltado.

[10*]

C)

CATORZE LIVROS DE EPIGRAMAS SELECIONADOS DE MARCO VALÉRIO MARCIAL

Manuel Álvares deseja saúde ao leitor cristão

Se, consoante sabiamente disse alguém, *é de péssimo gosto e assaz criticável que, num assunto sério, alguém se sirva de uma linguagem própria da mesa e licenciosa*,^{ix} quão grande pecado se deve pensar que cometem os homens que, ao menino cristão embebido nos divinos mistérios de Cristo Ótimo Máximo,^x a quem tomaram a seu cargo educar e formar não só nas letras, mas também nos mais excelentes costumes, expõem e apresentam como matéria de ensino coisas que até aqueles antigos romanos, que totalmente ignoravam a religião cristã, amaldiçoavam com a maior veemência? Quem é que não se dá conta dos grandes e monstruosos desvios em que incorre a mocidade [11*] se logo desde o berço não for correta e piedosamente educada?

Querendo atalhar a este grave perigo, o sacrossanto Concílio de Trento,^{xi} como eficaz remédio para preservar e engrandecer a cristandade, criou os seminários, para que neles, desde a mais tenra idade, os moços sejam encaminhados para a piedade e a religião, algo que não pode levar-se a cabo se, na escolha dos autores que devem ser expostos nas aulas, se não tiver o máximo discernimento. É que os professores são progenitores e médicos das almas, os quais se, com incansável desvelo, as não aperfeiçoam e ornamentam com os atavios de todas as virtudes, é totalmente sem fundamento que para si se arrogam o título de mestres. De fato, quanto mais a alma se avanta ao corpo, tanto maior cuidado se deve empregar no regime da alimentação, isto é, na seleção e exposição dos escritos dos antigos, uma vez que as enfermidades da alma são muito mais graves que as do corpo. Motivo pelo qual, se os médicos competentes, para que todo o corpo (que é algo que temos em comum com os animais irracionais) não pereça, [12*] dele amputam uma parte, levareis a mal que se ampute alguma parte do livro, para esquivar o perigo de que a alma, marcada com a imagem de Deus Ótimo Máximo, pereça e seja atormentada pelos suplícios eternos?

Posto isto, caro leitor cristão, os superiores da Companhia de Jesus encarregaram-me de reler a obra de Valério Marcial de modo tal que, depois de expungir-la de palavras indecorosas e alusões a coisas impudicas, ela ficasse em seguida em condições de poder entrar nos nossos colégios. Desempenhei-me como pude deste encargo, eliminando somente aquelas passagens que fossem contrárias tanto ao decoro como à moral cristã, porquanto é rematado desatino pretender adquirir um estilo elegante e ornamentado em latim a preço de uma alma manchada e de uma vida impura.

Fica bem.

Referências

MIRANDA, Margarida. Cipriano Soares e Miguel Venegas: o poema dedicatório dos *De arte rhetorica libri tres* (1562). *Boletim de Estudos Clássicos*, 2001, n. 35, Coimbra, p. 119-123.

MIRANDA, Margarida. Alfonso García Matamoros e Miguel Venegas. o poema dedicatório do *Pro adserande Hispanorum Eruditione* (1553). *Boletim de Estudos Clássicos*, 2002, n. 36, Coimbra, p. 141.

ⁱ Obra publicada por Esfera do Caos Editores, Lisboa.

ⁱⁱ Lembremos que, dos humanistas do século XVI com algum renome e cuja vida decorreu em Portugal, é escasso o número de leigos que podemos apontar, como é o caso de Inácio de Moraes, de Jerônimo Cardoso e de António Luís, convindo porém não esquecer que estes dois últimos eram cristãos-novos. Jerônimo Osório, António Pinheiro, André de Resende, Diogo de Teive, Diogo de Paiva de Andrade, Jorge Coelho, e muitos outros, foram sacerdotes seculares, tendo aliás os dois primeiros ascendido ao episcopado e dando-se, com o terceiro, a circunstância de ter começado a sua carreira eclesiástica como monge dominicano.

ⁱⁱⁱ Como pode ver-se no verso da página de rosto, a licença está assinada pelo inquisidor Martinho de Ledesma, dominicano e professor universitário, e a autorização da autoridade episcopal, ou Ordinário, é da responsabilidade do Dr. Francisco Fernandes, na qualidade de Vigário-Geral do bispo-conde de Coimbra, o Senhor D. João Soares de Albergaria.

^{iv} Existe uma edição recente, com o texto latino, acompanhado pela tradução portuguesa da autoria de Margarida Miranda, publicada pela Esfera do Caos, Lisboa (2009). – Vem a propósito dizer-se que um dos mais destacados membros da equipe, destacada pelo Geral da Ordem para a redação deste código ou método de estudos, foi o Padre Gaspar Gonçalves, notabilíssimo latinista que, precisamente neste ano de 1562, frequentava as escolas de Coimbra da sua Ordem e escrevia diversas composições literárias, conservadas manuscritas até que, em parte, as salvamos do esquecimento, transcrevendo-as e traduzindo-as nas p. 102-149 e p. 295-346 do nosso livro *Sob o Signo do Humanismo*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

^v Sobre a vida e obra gramatical do Padre Manuel Álvares a maior autoridade atual é ROGELIO PONCE DE LEÓN ROMEO. entre a abundante bibliografia que tem dedicado à obra do jesuíta português, veja-se o artigo “La difusión de las artes gramaticales latino-portuguesas en España (siglos XVI-XVII)”, *Península. Revista de Estudios Ibéricos* nº 0, 2003, pp. 119-145, onde, na p. 128, se pode ler o seguinte: “Los De institutione grammatica libri tres, compuestos por mandato de sus superiores, con el fin de que se empleasen ubique terrarum como libro de texto en las clases de latinidad de las escuelas de la Compañía, y prescrito de forma oficial por la Ratio studiorum, de 1599.”

^{vi} Fazemos aqui distinção entre autor e tradutor, uma vez que, se a não fizermos, a palma da vitória entre os escritores portugueses mais editados pertence ao calvinista beirão João Ferreira de Almeida, como responsável pela versão vernácula da Bíblia ainda hoje mais editada nos países de língua portuguesa.

^{vii} Conforme se pode coligir das seguintes palavras, extraídas do capítulo 5 do seu livro, de fundo autobiográfico, intitulado *A Portrait of the Artist as a Young Man*: “He had learnt what little he knew of the laws of Latin verse from a ragged book written by a Portuguese priest: *Contrahit orator, uariant in carmine uates.*”

^{viii} A tese de doutorado de Margarida Miranda, intitulada *Teatro nos Colégios dos Jesuítas. A Tragédia de Acab de Miguel Venegas S. I. e o início de um género dramático (século XVI)*, Lisboa, FCG/FCT, 2006, constitui o mais circunstanciado estudo da obra dramática deste escritor, que aliás ainda possui nesse farta de obras inéditas (além do género dramático, cultivou também a poesia e a oratória) nos códices jesuíticos conservados em inúmeras bibliotecas.

^{ix} Cícero, de *Officiis* 40. 7.

^x O Autor atribui a Cristo os epítetos com que de ordinário a Roma pagã qualificava Júpiter. é esta uma tendência comum a muitos autores quinhentistas mais evadidos de purismo latinizante, não obstante a qualidade eclesiástica e o entranhado catolicismo de grande parte deles.

^{xi} Concluído em 1563, teve as suas determinações confirmadas pelo papa Pio IV, através de bula datada de 26 de janeiro de 1564. Neste mesmo ano, publica-se em Portugal não apenas o texto latino dos *Canones et decreta sacrosancti oecumenici et generalis Concilii Tridentini*, mas a tradução portuguesa, em pelo menos quatro edições, dos *Decretos e determinações do Sagrado Concílio Tridentino*, onde se contêm as conclusões mais importantes daquela magna assembleia católica, que passavam a ter carácter de lei eclesiástica vigente em todos os territórios da coroa portuguesa.